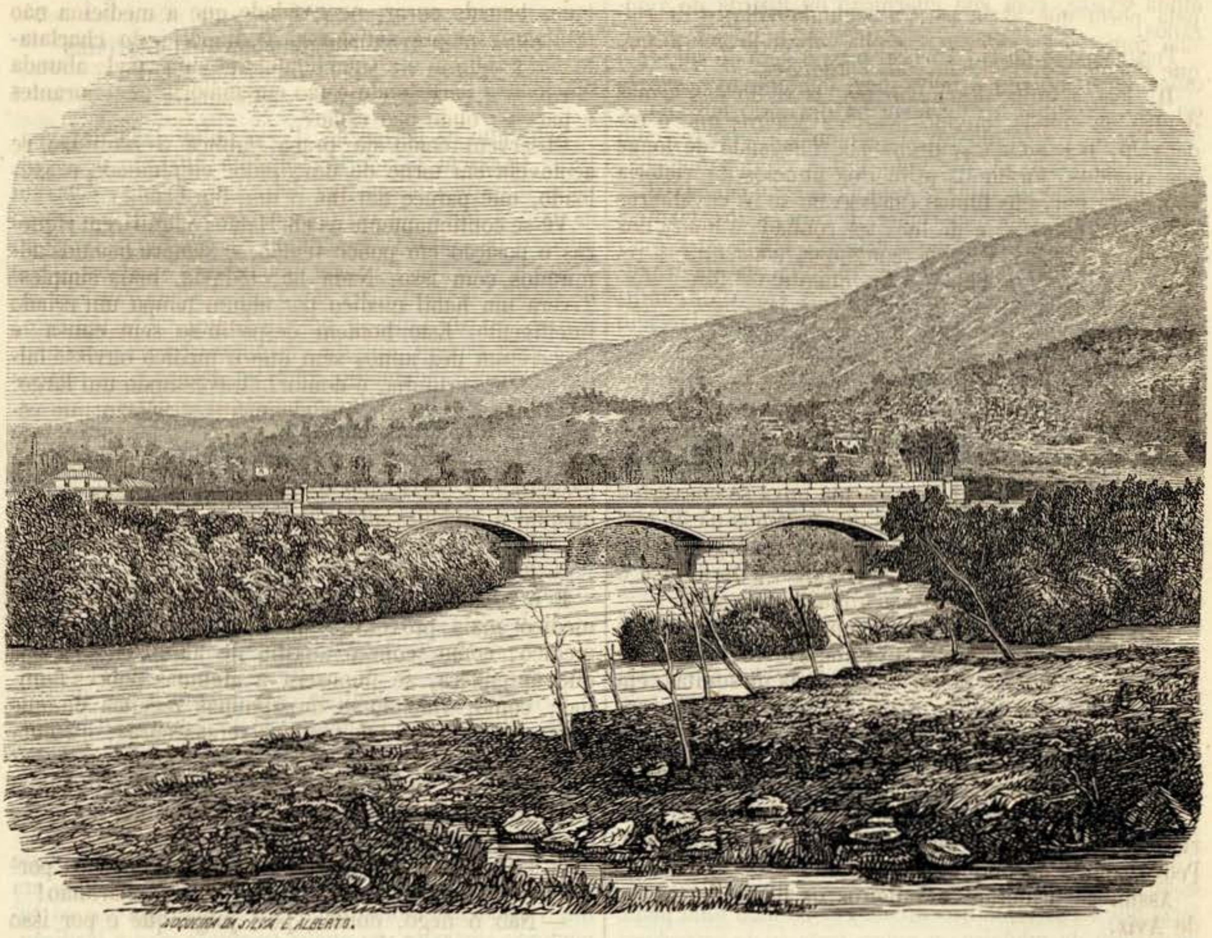


Rio Ancora e a sua ponte

Dão origem a este rio duas fontes que rebentam na serra de Arga, no sitio chamado *Bezerreiras*, pertencente á freguezia de Santa Eulalia de Lanhezes, na provincia do Minho. Corre tranquillamente de léste para oeste, em alveo pouco inclinado, até se lançar no Oceano entre a cidade de Vianna do Castello e a villa de Caminha, cujos antigos termos dividia.

No seu curso, que é de 5 kilometros, vae cortando até ao mar terrenos fertilissimos, levemente accidentados, e perto da sua foz passa pela aldeia de Ancora.

As suas margens são amenas e risonhas. Não as assombram, é certo, aquelles carvalhos e castanheiros gigantescos que o viajante encontra a cada passo e contempla com verdadeiro enlêvo na provincia do Minho. Porém guarnecem-se de arvoredo, não muito elevado, mas tão denso e copado, que faz ao rio a mais graciosa cercadura que se póde desejar.

Para além do arvoredo, de uma e outra parte, estendem-se campos e prados perennemente viçosos; pois que debaixo do benigno ceo d'aquella provincia, quando as messes caem sob a foice do segador, já a terra está novamente coberta de verdores.

No inverno affluem muitas aguas a este rio, bastando para o encher a trasbordar as torrentes das chuvas, que se despenham da serra de Arga. Então é caudaloso e arrebatado, chegando a inundar os campos visinhos. Porém no verão é humilde, e até pobre, mas não tanto que lhe não fique sobeja corrente para cobrir todo o seu leito, para fazer trabalhar differentes azenhas, e para offerecer aos lavradores com que regar abundantemente os seus milhos e outras culturas.

Criám-se n'este rio trutas, escallos e bogas. Dizem que as primeiras são notaveis pelo seu tamanho.

Tem o Ancora a sua foz nos limites do concelho de Caminha, mas em quasi egual distancia d'esta villa e da cidade de Vianna do Castello. Presentemente acha-se a barra tão obstruida de areias, que apenas a barcos de pesca permitte a entrada, não lhes consentindo o rio que avancem muito por elle. Mas antigamente dava ingresso a navios do alto mar, de lotação pequena; e o Oceano, entrando então mais desaffrontadamente, formava aqui um porto soffrivel.

Nos seculos XVI e XVII teve este porto uma triste celebridade. Os corsarios de várias potencias barbarescas, especialmente de Argel e de Salé, que infestavam continuamente as costas de Portugal, appareciam de vez em quando, como aves de rapina, em frente da foz do Ancora. Apenas chegavam a esta paragem deitavam fóra as suas lanchas com gente armada, e immediatamente se faziam ao largo, afastando-se da costa quanto fosse necessario para não serem reconhecidos de quem de terra os podesse ver. As lanchas entravam então no porto, e os moiros, desembarcando logo, iam sorrateiramente postar-se de emboscada em algum logar apropriado ao intento, proximo da estrada da beira-mar que liga Vianna a Caminha. D'alli espreitavam e assaltavam os infelizes passageiros que iam descuidados seu caminho, despojando-os de tudo que levavam comsigo, e conduzindo-os captivos para as lanchas, recolhiam-se pressurosos aos navios. D'est'arte saíram d'aquelle porto como escravos numerosos portuguezes.

Prolongaram-se estes attentados até ao fim do se-

culo XVII, em que el-rei D. Pedro II resolveu pôr-lhes cobro, mandando construir na foz d'aquelle rio um forte, a que deram o nome da *Lagarteira;* o qual ainda existe, com sua guarnição ou guarda de veteranos.

Perto da foz do rio Ancora, para o lado do sul, está outro forte situado á beira-mar, denominado *castello do Cão*. Proximo a este forte ha um sitio elevado, e que lhe fica sobranceiro, chamado a *Cividade*, cujo nome, derivado da vocabulo latino *civitas* (cidade), é indicio certo de que em remota antiguidade existíra alli uma povoação importante. E com effeito, viam-se alli, não ha muitos annos, e talvez ainda se vejam, claros vestigios de uma cidade romana. Ha quem presuma que por ella passava uma das cinco vias militares que iam de Braga para Astorga. Mas não é exacto este juizo. Esta via saía de Braga direita ao Cávado, e dirigia-se pela margem d'este rio até Fão. Aqui embarcavam os passageiros, e, seguindo junto da costa do Oceano, iam desembarcar em um logar da Galliza chamado Grandimiro, d'onde a via continuava até Astorga, passando por Lugo.

Cortam o rio várias pontes de cantaria. A que se vê representada na gravura que precede este artigo é moderna. Foi edificada ha uns seis annos para dar passagem á bella estrada macadamisada, construida tambem por esse tempo, e que conduz da cidade de Vianna do Castello á villa de Caminha. É esta uma das mais formosas estradas do reino, tanto pelas bellezas da paizagem que vae atravessando, como pelo quadro magestoso da amplidão do Oceano, que lhe faz companhia em todo o seu trajecto.

As chuvas excessivas do outono do anno passado produziram uma cheia tão grande, e fizeram tão arrebatada a corrente do Ancora, que os dois pilares d'aquella ponte abateram, e alluir-se-hia toda esta obra se não fossem tão robustas as aduellas de cantaria que formam os tres arcos. Fez-se logo uma ponte provisoria de madeira, e agora trata-se de proceder á reconstrucção da de pedra.

Encontram-se diversas noticias ácerca da etymologia do nome d'este rio. O conde de Barcellos, no seu *Nobiliario* (edição de 1622 com as notas de João Baptista Lavanha), diz que a rainha D. Urraca, em castigo de adulterio, foi afogada n'este rio por ordem del-rei D. Ramiro II e de seus filhos; e que por ter sido lançada n'elle com uma ancora presa ao pescoço, ficára ao rio o nome de *Ancora*.

Esta é tambem a tradição popular, e provavelmente serviria de fundamento ao que refere o dito conde de Barcellos. Porém esta anecdota é uma pura fabula, ou uma variante da historia meio fabulosa da morte da rainha D. Gaia, supposta mulher d'este mesmo rei D. Ramiro II, e, conforme reza a lenda, por elle afogada nas aguas do Douro, proximo da margem do norte, em frente do sitio chamado Miragaia, em castigo de lhe ter sido perjura, amando o régulo ou alcaide moiro Alboazar [1].

O padre D. Jeronymo Contador de Argote, nas suas *Memorias de Braga*, fallando d'este rio, pretende que se lhe dera o nome de Ancora pela ancoragem que alli faziam as embarcações romanas quando transportavam milicias.

Além d'estas ainda ha outras versões, mais ou menos absurdas, sobre o mesmo assumpto.

A nossa gravura é cópia de uma photographia da excellente collecção do sr. Seabra, tirada antes do desastre da ponte.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] D'esta lenda de antigas eras, que o illustre Garrett popularisou, emprestando-lhe as galas do seu brilhante estro, ha uma parte que reputâmos verdadeira; é a que se refere aos amores de D. Ramiro II com a gentil Zahara, irmã de Alboazar, dos quaes procedeu Alboazar Ramires, que reedificou o mosteiro de Santo Thyrso, a 5 legoas da cidade do Porto, fazendo-lhe doação de importantes bens por escripturas que ainda se conservavam no archivo do mesmo mosteiro em 1834, quando se effeituou a extincção das ordens religiosas.

UM AMOR DE PAGEM

(Vid. pag. 74)

VI

ONDE O AUCTOR PROPORCIONA AOS LEITORES TODOS OS MEIOS DE SATISFAZEREM A SUA JUSTA CURIOSIDADE

Sem que as peripecias d'esta noite cheia de aventuras tivessem por fórma alguma alterado a serenidade olympica do cortejo del-rei D. João V, estavam ás oito e meia da manhã do dia 12 de fevereiro os fidalgos da comitiva esperando em Montijo, á beira do Tejo, a chegada de suas magestades e altezas, que n'esse dia deviam fazer em Lisboa a sua entrada solemne. Só D. Luiz se mostrava um tanto inquieto; mas essa nuvem, que lhe ensombrava a physionomia, dissipou-se rapidamente como se dissipam as nuvens da primavera e as inquietações dos dezoito annos. O seu joven amigo Alexandre de Gusmão, que ria e conversava com elle, se podesse adivinhar o que se passava no espirito do moço pagem, lembrar-se-hia, de certo, elle que era tão familiar com a litteratura da Italia, e que até traduziu uma das mais formosas lyricas de Metastasio, lembrar-se-hia das seguintes palavras de um dos grandes poetas italianos:

O primavera! gioventù dell'anno!
Gioventù! primavera della vita!

E o pobre Braz Mattoso, em quanto o seu D. Luizinho palestrava e ria, cortava, de muito mau humor, as aguas do Tejo, n'um barquinho onde luziam ao sol claro e alegre da manhã as espingardas de uma escolta do regimento de Setubal.

Finalmente, a familia real apparecêra, vindo de Aldeia-Gallega, e tomára logar no bergantim real, feito expressamente para essa occasião solemne, e que era um verdadeiro monte de oiro. Tripulavam-n'o os remadores algarvios, os quaes, segundo reza a tradição, ao verem apparecer a princezasinha do Brasil, que era feia e enfesada, e lembrando-se da esplendida princeza D. Maria Barbara, que Portugal tinha dado á Hespanha em troca d'esta Bourbon, disseram uns para os outros, obedecendo á inveterada febre palradora da sua provincia:

— Olha os diabos dos hespanhoes! Démos-lhe uma pescada do alto, e elles mandam-nos uma sardinha petinga.

D. João V não ouviu a observação. N'esse momento escutava o seu monteiro-mór Fernão Telles da Silva, que lhe dizia algumas palavras em voz baixa, e, depois de o escutar, olhava, franzindo a sobrancelha, para o moço D. Luiz, que nem sequer reparava em similhante coisa, e que se entretinha n'esse momento a contemplar o magnifico panorama do Tejo, que desdobrava as suas ondasinhas azues, onde brincavam os doirados raios do sol.

O panorama era na verdade esplendido. Em torno do bergantim real apinhava-se como uma d'essas selvas da *Astrée* de d'Urfé, ou da *Primavera* de Francisco Rodrigues Lobo, selvas cujas arvores estão sempre matizadas de fitas côr de rosa e de sonetos côr de rosa tambem; apinhava-se, pois, uma quadrilha de mais de mil botes, todos empavezados, embandeirados, cheios de flammulas e galhardetes. Quando a comitiva embarcou, ainda mais esplendido foi o panorama. Os trajos brilhantes dos cortezãos faziam de cada barco um verdadeiro ramalhete. E quando a esquadra começou a navegar auxiliada pela maré, a qual, diz fr. José da Natividade, encontrando pela primeira vez, depois de um esfalfado caminhar por 314 paginas in-folio, uma phrase com algum geito, *em nenhuma outra occasião, como esta, se podia chamar de rosas;* quando a esquadra começou a navegar, dir-

se-hia uma d'essas ilhas fluctuantes, que deslisam ás vezes pela corrente dos grandes rios americanos, todas cheias de flores, de verduras, de aromas e de musicas, ou podia suppor-se tambem que uma Veneza em miniatura, com esse mundo encantado que sonha quem vê os quadros de Ticiano, se desarraigára do fundo do rio e se deixava ir ao som da agua, embalada pelo sôpro suavissimo da viração.

A magestosa Lisboa, que, rainha desthronisada, sempre soube pôr com inexcedivel altivez o seu diadema de palacios, envolver-se com soberana magestade no manto de oiro com que a reveste o sol, debruçava-se para as aguas do seu Tejo, a fim de contemplar essa flotilha toda esplendor, que bastava para consolar a frivola cidade da ausencia das severas e magestosas esquadras, a cujo bordo iam os Gamas, os Albuquerques e os Castros, e que já n'essa epocha lhe não pejavam o rio. Os sinos das suas innumeras egrejas enchiam os ares com as alegres saudações, por entre as quaes se distinguia a grave e austera voz da artilheria. A futura rainha dos portuguezes pôde ver a sua donairosa capital desenrolar pausadamente diante d'ella todas as suas magnificencias, até que o bergantim fundeou em Belem, junto de uma ponte magnifica, que se construira á pressa, com os seus arcos triumphaes, as suas sumptuosas cúpulas povoadas de estatuas e vasos de flores, flores que, para saudarem a princeza infantil, precediam a primavera.

Ahi, depois de tomar alguns refrescos, entrou a comitiva nos coches, e partiu para Lisboa. Defronte do palacio dos condes de Villa Nova (hoje marquezes de Abrantes) dispoz-se o sequito do modo que havia de fazer a sua entrada publica na capital, entrada que principiou no largo da Esperança, onde estava o senado da camara, e onde o vereador mais antigo, Jorge Freire de Andrade, fez um discurso a suas magestades, discurso recheado dos trocadilhos convenientes. D'ahi proseguiu a comitiva pela Esperança, calçada do Combro, rua direita do Loreto, rua larga das Portas de Santa Catharina, Chiado, rua nova do Almada, rua nova dos Ferros, praça do Pelourinho, Terreiro do Paço, e Patriarchal [1]. Apesar do terremoto, a nomenclatura indicada por fr. José da Natividade ainda é sufficiente para que o leitor contemporaneo possa seguir facilmente o itinerario da comitiva.

As ruas estavam sumptuosamente ornadas. Pendiam ricas armações das janellas, e entre essas sumptuosas sanefas tinham tido muitas pessoas a idéa de collocar magnificos espelhos, que, defrontando uns com os outros, reproduziam dezenas de vezes a pompa inexcedivel do cortejo e o espectaculo variegado das ruas.

Deixemos agora suas magestades e altezas descançarem das fadigas da jornada, assistindo ás serenatas da corte, presenciando os combates simulados que se executam nos fortes que occupavam o logar do actual caes das Columnas, deixemos o povo tambem mostrar a sua alegria, atulhando as ruas a toda a hora do dia e da noite, apesar do terrivel temporal que rebentou no Tejo, logo no dia seguinte ao da chegada do cortejo, temporal que arrazou a magnifica ponte improvisada de Belem, que fez o desespero dos habeis pyrotechnicos do fogo de vistas do Castello, e que pareceu vir de proposito para desmentir a pomposa oitava do doutor José de Mattos Rocha, que exclamára, accendido em santo enthusiasmo:

> Essa estação do anno, que, inclemente,
> de frios e de chuvas sae armada,
> com vosso pae andou tão reverente,
> que sempre teve a chuva represada;

1 A basilica patriarchal era a capella do paço. Subsistia então a divisão de Lisboa em duas cidades, oriental e occidental. Apesar de haver patriarcha, havia tambem arcebispo de Lisboa. A' sua jurisdicção estava submettida a cidade oriental, e a sua egreja metropolitana era a sé; á jurisdicção do patriarcha estava sujeita a Lisboa occidental. A patriarchal era, como dissemos, a capella do paço.

> e só usou do frio livremente
> porque não era estorvo da jornada;
> não foram, pois, do inverno desvarios
> prender as chuvas e soltar os frios [1].

Deixemos o rapazio, simulando tambem guerra, tomar á sua conta os arcos levantados pelos estrangeiros (o mais sumptuoso dos quaes era o castelhano), e, arremettendo ao dos francezes, fazel-o em pedaços, proporcionando d'essa forma um *calembourg* a Thomaz Pinto Brandão, poeta popular do tempo:

> Como alli se renderam os rapazes
> por melhorar de posto, pertinazes,
> ou por fugir da morte,
> dos francezes se vão buscar o forte,
> e ao seu arco com talhos e revezes
> trataram como a roupa de francezes;

e, atravessando os dias de regozijo publico, sem nos mettermos nos apertões, saiamos a final para o meio da rua quando tudo está mais acalmado, apeêmonos do nosso hippogrypho á porta do palacio da Inquisição, digna cavallariça de um animal que vomita fogo, e, desviando os olhos do sombrio edificio, antecessor do theatro de D. Maria II, não fazendo caso do palacio do duque de Cadaval, onde nos podiamos tentar a ir procurar noticias do nosso D. Luiz de Mello, atravessemos o Rocio, passemos ao pé do chafariz que lhe occupa o centro e onde campeia uma estatua de Apollo, dirijamo-nos para o lado do convento do Carmo; entremos n'uma casa de boa apparencia cuja fachada deita para o largo, e onde mora o nosso velho amigo Caetano José da Silva Souto-Mayor.

Ha reunião magna na sala do Camões do Rocio, que fôra, finalmente, nomeado corregedor d'esse bairro [2]. Se tivessemos tempo, folgariamos de lhes apontar algumas das notabilidades poeticas da epocha, importantissimos collaboradores da *Phenix Renascida* e do *Postilhão de Apollo*, grandes discursadores das innumeraveis academias do tempo, argutos dialecticos na discussão dos graves problemas que as mesmas academias propunham. Mas o tempo não nos sobeja, e, portanto, atravessando os grupos, onde se notam muitos habitos de frades de differentes ordens, mas onde brilha, pela sua ausencia, a roupeta dos jesuitas, cordiaes inimigos de Caetano Souto-Mayor, dirijamo-nos a um grupo que rodeia com certo respeito e ouve como oraculo um homem dos seus setenta e cinco annos, de aspecto doentio e avelhentado, que falla em tom doutoral, pontuando cada phrase com uma pitada.

Este homem é o theologo e poeta Troylo de Vasconcellos e Cunha, auctor do *Espelho Invisivel*, poema didascalico, segundo diz o honrado Costa e Silva, e que vem a ser nada menos que um tratado de theologia, posto em versos retumbantes, e temperado com uma dóse moderada de trocadilhos e gongorismos. Este

1 Não se imagine que amodernisa a orthographia do erudito escriptor, fazendo-o escrever os versos sem letra maiuscula no principio. Assim os encontrei no *Fasto do Hymeneo*, e não só estes como todos os outros alli transcriptos. Era, segundo creio, uso hespanhol, que depois foi posto de banda, e que o sr. Castilho, com a auctoridade do seu nome, poz novamente em voga. Quizera dizer-lhes alguma coisa ácerca d'este poeta José de Mattos Rocha, mas não encontrei noticia alguma a seu respeito, nem mesmo no excellente e copioso *Diccionario Bibliographico* do nosso erudito collaborador o sr. Innocencio da Silva. Aonde não podéra attingir o nosso mestre n'estas questões, claro está que não poderiamos nós chegar. É possivel, comtudo, que na vasta collecção de apontamentos, resultado de subsequentes investigações, que o sr. Innocencio prepara para o *Supplemento* do diccionario (precioso trabalho que está em risco de se perder, se o ministerio não tiver alguma inspiração digna de um governo illustrado) se encontre alguma coisa relativa a este sujeito. O que por ora podèmos dizer é que o maganão tomou capello na universidade dos gongorismos, mas que metrifica valentemente.

2 Ainda um anachronismo. Esta nomeação data de 1736. Foi necessario anticipar-me ao decreto del-rei, por causa de uma anecdota que adiante contarei. Quando n'um pequeno quadro, como este é, se deseja agrupar os traços mais caracteristicos de uma epocha, è forçoso violar um pouco as datas, e é só indesculpavel não confessar a liberdade que se tomou.

homem, se vivesse em França, seria jansenista acerrimo; em Portugal, onde todas as discussões religiosas eram abafadas pela fogueira, pôde o digno poeta combater sorrateiramente as doutrinas do jesuita Molina sobre a graça, sem que os padres da Companhia lhe fizessem d'isso crime, ou porque não dessem importancia a essa opinião isolada, que ninguem entendia, ou porque os jesuitas portuguezes não estivessem tambem muito ao alcance da pendencia theologica que deu tanto nome ao celebre convento de Port-Royal.

Apesar, comtudo, d'esta tolerancia, e apesar até de ter um filho membro da ordem de Santo Ignacio de Loyola, o bom do velhinho, que não suspeitava, na occasião em que o vemos, que esse anno principiado em Portugal com tantas festividades estivesse destinado a ser o da sua morte, não consagrava grande amor aos jesuitas que tinham ousado divergir das opiniões do grande Santo Agostinho, do Phenix Africano, como elle dizia, e no momento em que entrámos escutava, rindo-se com gosto, a narração que o Camões do Rocio fazia de um caso que lhe succedêra com os padres da casa professa de S. Roque, successo que dava então que fallar a toda a Lisboa, desde o alto de Santa Catharina até á Penha de França, e desde os arcos do Rocio e adro de S. Domingos até á Corte Real e aos Remolares.

— Pois é verdade, meus bons amigos, dizia o Camões do Rocio repimpando-se na cadeira de espaldar e fazendo descer os oculos para a ponta do nariz, gesto muito seu habitual quando queria dar á physionomia um tom comico em relação com a phrase; eu jurára vingar-me desde o momento em que, indo de noite bater á porta da casa professa de S. Roque para valer a um pobre homem que andava procurando um confessor para a esposa que estava expirando, o porteiro me respondeu com todo o descaro que os reverendos padres da Companhia não saíam por caso algum depois das Ave-Marias. Por mais que instei, não me foi possivel resolvel-os. Fiquei desesperado, tanto mais que, não querendo deixar o pobre homem n'aquella afflicção, tive de ir ao convento de S. Pedro de Alcantara, estando eu morto por vir a essa hora metter-me na cama.

— Se o confessando não fosse um moribundo, acudiu Troylo de Vasconcellos, elles iriam, elles iriam, porque não são homens para perderem o ensejo de alargarem a sua influencia.

— E eu, acudiu o Camões do Rocio, não sou homem para perder o ensejo de tirar vingança de uma partida d'estas. Ante-hontem á noite deparou-m'a bem o acaso. Passava pela rua de S. Roque, á testa da ronda, e relanceava uns olhos furibundos para a frontaria da casa professa, quando vejo lá ao fundo virem saíndo da travessa do Poço da Cidade dois vultos negros, precedidos de um criado com um archote. Tive um presentimento; alargo o passo, e logo distingo as bemaventuradas roupetas dos discipulos de Santo Ignacio, e os chapéos de abas largas projectando a sua sombra sobre as reverendas faces de dois santos membros da Companhia. «Estão vossas paternidades apanhados», disse eu commigo; e, fazendo voz de trovão, bradei aos meus homens: — «Cerquem esses patifes, que andam disfarçados com o santo habito da Companhia de Jesus para mais a seu salvo roubarem o dinheiro aos burguezes d'esta boa cidade, e a honra aos santissimos padres, cujo habito conspurcam, escolhendo-o para capa das suas velhacarias.» — «Senhor, exclamam elles, v. s. está por certo equivocado! Somos dois padres da Companhia de Jesus, que nos recolhemos á nossa casa de S. Roque.» — «Deus e o padre Santo Ignacio vos perdoem similhante calumnia, bradei eu unindo as mãos e pondo compungido os olhos no ceo; cuidaes que não sei que os reverendos padres não saem da casa professa depois das Ave-Marias? Ainda uma noite d'estas lá fui pedir um confessor para um moribundo, e foi essa a resposta que obtive. Já vêdes que me não enganaes. Andae, andae, ide para o tronco.» — «Para o tronco! exclamam elles descórando, pois nós havemos de ir para o tronco!» — «Pois para onde vão os larapios?» E, sem attender ás suas reclamações e ás suas súpplicas, ferro com elles na cadeia, e venho para casa dormir muito socegado em cima d'esta boa obra.

E o Camões soltou uma risadinha sêcca, que só foi acompanhada com gosto pelo poeta Troylo de Vasconcellos. Os outros riram-se com um riso um tanto amarello. A verdade é que lhes corrêra um calefrio pelas veias ao pensarem na audacia d'esse homem que ousava affrontar o temivel poder dos discipulos de Loyola.

— Ora o meu caro Souto-Mayor, dizia Troylo em frouxos de riso, lá lhes foi arranjar um caso reservado de confissão, dos que o padre jesuita Hermano Buzembau aponta na sua *Medulla da theologia moral*, que, segundo me consta, está sendo traduzida pelo licenciado Manuel Pereira de Sousa, livro VI, tratado IV, dúvida IV, caso II. «A saída do mosteiro de noite e ás escondidas.» Que penitencia lhes daria o seu superior?

— Ah! esteja descançado, tornou Caetano Souto-Mayor, poupei ao superior esse trabalho. Tiveram penitencia dobrada. Eu lhe conto. No dia seguinte ainda eu estava na cama quando recebi ordem para ir immediatamente ao paço. Chego, e encontro el-rei de muito má catadura. Logo suspeitei que era o caso dos jesuitas. — «Então que é isto, Souto-Mayor, diz-me sua magestade, assim se joga o entrudo com os padres da Companhia? Saiba que eu, admittindo as suas brincadeiras, não lhe permitto que metta a ridiculo as coisas sagradas. Por que prendeu hontem no tronco dois padres jesuitas da casa de S. Roque?» — «Real senhor, tornei eu com a mais perfeita ingenuidade, posso affirmar a el-rei que esses dois homens que prendi andavam mascarados. Os padres jesuitas não saem, etc.» E repeti-lhe, palavra por palavra, com uma sizudez de lorpa, a ladainha que eu já trazia de cór. El-rei esteve um instante a olhar para mim de sobrolho franzido, e, a final, desatou a rir. — «Está bom! Está bom! tu, Caetano Souto-Mayor, mais dia menos dia, não escapas de ser excommungado, e então é que eu te não posso valer. Fizeste andar em polvorosa o collegio de S. Roque e o de Santo Antão. O padre Gallenfelz queixou-se amargamente á rainha da tua prepotencia. Ora vae soltar os homens, anda, que são jesuitas devéras, e não tornes a cair n'outra.» Eu saí, protestando a minha innocencia, e jurando que, no meu caso, todos se enganariam. Mas a comedia ainda não estava toda representada. Dirigi-me ao tronco, e, pedindo mil desculpas aos padres, que estavam furiosos, ordenei que fossem soltos; mas era meio-dia, a rua estava cheia de gente, e os padres não queriam saír do tronco em presença de publico tão numeroso. Portanto, enviezando para mim uns olhos rancorosos, communicaram-me que só tencionavam saír á noite. Porém eu, tirando o chapéo, curvando-me até ao chão e desfazendo-me em zumbaias, insisti, exclamando com ar de homem profundamente compungido: — «Não me farão tal injuria... Assim julgarei que não me perdoam o involuntario erro... Não queiram tornar mais acerbos os espinhos do meu remorso... Demais, el-rei ordenou que vossas paternidades fossem postos immediatamente em liberdade... *immediatamente* foi o termo de que o nosso augusto soberano se serviu... Não consentirei que as ordens de sua magestade não sejam cumpridas á risca.» E os meus bons padres não tiveram remedio senão saír para o meio da rua, derrubando bem para os olhos os seus amplos chapéos, no meio do geral espanto do

povo, que os foi acompanhando, pasmado da novidade do caso... Ah! ah! senhores discipulos de Santo Ignacio, concluiu o Camões soltando uma risadinha, dizeis-vos da Companhia de Jesus, e não quereis ter de vez em quando os vossos passos? O Divino Mestre soffria com jubilo a ignominia, e carregava aos hombros com a cruz affrontosa.

Todos fizeram côro á hilaridade do dono da casa; mas Troylo de Vasconcellos, depois de se ter rido, assumiu um tom serio, e disse:

— É necessaria muita cautela, Caetano Souto-Mayor. Já tinha na côrte poderosos inimigos, o confessor del-rei e o zarolho do Fernão Telles da Silva. Agora tem contra si toda a raça damnada dos jesuitas.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

CERAMICA ANTIGA

VASOS DE BARRO DO MUSEU CAMPANA

I

A summa perfeição e extraordinario esplendor a que chegaram as artes na antiga Grecia foram o resultado da organisação social d'aquelle povo, da educação homerica dos cidadãos, e do seu culto a essas divindades mythologicas que a historia fabulosa nos pinta animadas de todas as paixões que agitam e exaltam o coração humano.

A liberdade que os gregos então desfructavam; o caracter de grandeza que ella imprimia nas suas idéas; a nobre audacia que excitava nas suas acções; o amor da gloria, despertado em todos os peitos pelas façanhas attribuidas aos heroes da mythologia, e radicado e incitado pelos premios nos jogos publicos; todos estes e outros poderosos estimulos, desenvolvendo no povo o bom gosto, fazendo-lhe comprehender e apreciar o bello em todas as suas sublimes manifestações, dispozeram naturalmente os espiritos e encaminharam os esforços da nação para o amor e cultura das artes.



Vaso de barro do museu Campana

As riquezas de Athenas, vindo em auxilio d'este empenho, abriram vastissimo campo diante dos artistas, ao mesmo passo que as honras, a emulação e as recompensas pecuniarias os impelliam para o templo da immortalidade. A architectura e a esculptura enchiam a Grecia de monumentos sumptuosos e verdadeiramente admiraveis; e toda a nação, como que electrisada por um fogo divino, apressava-se a tecer coroas para os artistas e a tomar parte nos seus triumphos.

D'esta fórma se popularisaram as artes até ao ponto de se consubstanciarem nos costumes publicos. Assim se converteram em uma necessidade da vida social.

Não eram sómente as povoações que porfiavam em qual se adornaria com mais esplendidos edificios, e qual possuiria nos seu templos mais perfeitas estatuas dos deuses do Olympo. Porfiavam tambem os habitantes entre si proprios qual ornaria a sua habitação com mais primorosas obras de arte.

Eram tantos e tão fecundos os esculptores, que não faltavam aos cidadãos ricos bellas estatuas, baixos relêvos, vasos e outras esculpturas em marmore ou bronze para decoração interior das suas habitações. Era tão creador o genio dos artistas, que soube inventar um genero de arte, que, admittindo todos os primores da esculptura e da pintura, accommodava-se á bolsa dos menos favorecidos da fortuna. Tal foi a origem da ceramica.

Os productos de barro cozido appareceram então no mercado como um esbôço abbreviado das grandiosas producções da estatuaria grega. Uns eram cópias fieis, não no tamanho, mas nas bellezas, das obras mais excellentes de marmore e de bronze. Outros, reproduzindo as fórmas mais esbeltas das urnas e vasos que o cinzel esculpíra no bronze e no marmore, suppriam a pobreza da materia com as galas da pintura. E não se julgue que, por ser mesquinha a materia, era exercida a arte com menor perfeição que nos materiaes preciosos. Os variadissimos productos da ceramica grega, que existem em differentes museus da Europa, no melhor estado possivel de conservação, mostram, no que diz respeito á estatuaria, a mesma correcção de desenho, a mesma graça, nobreza e simplicidade, que distinguem as mais afamadas estatuas em pedra ou metal feitas n'essa epocha gloriosa da antiga Grecia. Em quanto ás reproducções de outras obras de esculptura, não se esquivaram os artistas a imitar no barro os primores e delicadezas feitas no marmore e nos metaes pelo cinzel dos grandes mestres.

A Grecia foi, portanto, a mãe das bellas artes, e a sua mais eximia cultora. Todos os povos, nos seus tirocinios artisticos, a tomaram por modêlo. Porém, apesar de quaesquer esforços, nenhum até hoje tem conseguido egualal-a.

Os romanos foram os que melhor a imitaram, pela razão, sem dúvida, de serem testimunhas presenciaes d'aquelle brilhante desenvolvimento, de admittirem como mestres artistas gregos, e por participarem, até certo ponto, da organisação, das crenças e costumes d'aquelle grande povo. Assim se fizeram tambem celebres na esculptura em marmore, bronze, prata e oiro, e na ceramica.

Nas collecções da antiguidade, que enriquecem as principaes cidades da Europa, figura grande numero de estatuetas, baixos relêvos, vasos e outros objectos de barro cozido, da arte grega e tambem da arte romana, sendo estes copiados d'aquelles, em geral, com bastante esmero.

Uma das maiores collecções, ou a maior, talvez, que existe, de productos da arte ceramica dos gregos e dos romanos, é a conhecida pelo nome de *museu Campana*. Formou-a á custa de muitas diligencias e perseverança, e de avultado dispendio, o marquez Campana, distincto archeologo italiano. Por sua morte, segundo cremos, fez acquisição d'ella o governo pontificio. Porém em 1861, obrigado, provavelmente, pelas urgencias do thesouro, vendeu-a ao imperador

Napoleão III. Presentemente faz parte do magnifico *museu do Louvre*.

A nossa gravura representa um lindo vaso de barro cozido, ornado de figuras em relêvo inteiro, e pertencente á collecção Campana.

Em outro numero fallaremos dos vasos com pinturas.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O INFANTE D. HENRIQUE

(Vid. pag. 78)

V

El-rei D. João falleceu em Lisboa a 14 de agosto de 1433, com setenta e seis annos de edade. D. Duarte, o primogenito que lhe succedeu no throno, contava quarenta e dois annos; o infante D. Pedro quarenta e um; o infante D. Henrique trinta e nove; o infante D. João, mestre da ordem de Santiago, trinta e tres; e o infante D. Fernando, mestre de Aviz, trinta e um. Deixava, pois, todos os filhos homens feitos, estimados pelas prendas do corpo e do engenho, e os primeiros do reino pelas grandes qualidades que realçavam com a nobreza propria a nobreza herdada.

Correu curto e pouco ditoso o governo de D. Duarte. A fortuna, como que arrependida de ter acompanhado o pae em todas as emprezas, parece que guardou para o successor as primeiras severidades, accumulando no breve intervallo de cinco annos as desgraças e os flagellos em proporção tal, que mesmo em dobrado espaço seriam notadas. O novo soberano, principe sabio e amado pela rectidão e bondade, ferido da peste em Thomar, expirou com a mágoa de legar ao paiz a prolongada minoridade de seu filho, e de morrer ficando quasi intactos os males que mais desejára vencer e extirpar [1].

Lembrado do grande nome que revivia n'elle, e das pesadas obrigações que a corôa de seu pae lhe dictava, D. Duarte quiz assignalar desde logo o seu reinado com um feito insigne, continuando as conquistas de Africa, ultima façanha de D. João I. Suggeriram-lhe a tomada de Tanger, cidade rica, populosa e guerreira, que, rendida, lançaria glorioso pregão do valor e felicidade das nossas armas. No conselho convocado para deliberar sobre o modo mais opportuno de realisar a conquista, dividiram-se os votos.

O infante D. João approvou-a, mas duvidando do exito, se não o assegurassem exercitos copiosos e fortes armadas. Moço e arrebatado, o infante D. Fernando, ouvindo, mais do que a prudencia, o ardor das crenças religiosas, facilitou a execução de tudo, recordando a el-rei o milagre de Ceuta, e as gentilezas e bizarria dos soldados portuguezes.

D. Duarte, que devia escutar mais attento as reflexões do infante D. João do que as temeridades devotas do infante D. Fernando, allucinado e cubiçoso de illustrar o seu governo, inclinou-se ao voto arriscado do irmão mais novo, e, para não dilatar a expedição, consentiu que ella saísse precipitada, e que se confiasse a victoria mais de esperanças desamparadas, que de calculos sisudos e de probabilidades razoaveis [2].

As cortes concederam de má vontade *pedido e meio* para a jornada de Tanger, que os conselheiros e ministros experimentados censuravam por inutil e intempestiva. As rendas publicas escasseavam, e el-rei não encontrou n'ellas, ou no subsidio auctorisado pelos Estados, as sommas de que precisava para acudir aos gastos dos armamentos. Declarou então a guerra voluntaria, e sob penas graves mandou chamar e aperceber os fidalgos, os cavalleiros e os homens de armas. Nem o dinheiro dos orphãos escapou! No conselho tinha-se decidido que Tanger não podia ser investida por menos de quatorze mil homens, ajudados de esquadra proporcionada. Esqueceu logo o preceito, inventaram-se os planos mais arrojados, e citando fóra de proposito e para tudo o ultimo feito de D. João I em Ceuta, só não citavam o segrêdo, a madureza, e a sciencia politica e militar, com que elle concebêra, encobrira e logrâra verificar seus altos pensamentos [1].

Accusaram n'aquella epocha o infante D. Henrique de haver apressado com mais impaciencia do que razão os aprestos da armada, passando por cima dos obstaculos sem os destruir, e enganando-se a si e aos outros, de modo que fôra elle o auctor e a causa principal de todos os revezes. É provavel que o descontentamento e a dor do desastre exaggerassem as culpas do principe. Os motivos que n'este e em todos os commettimentos o determinavam a pôr os olhos só em Deus, esperando tudo da sua protecção, se d'esta vez não justificaram a sua fé, em muitos geraram prodigios.

N'um seculo em que as crenças dominavam firmes e arraigadas, a illusão de que o braço do Senhor, pelejando invisivel, dispensava os esquadrões numerosos, não podia ser estranhada; e se não abona a capacidade do infante como capitão, pelo menos attesta a sinceridade do seu zêlo. Demais, se D. Henrique peccou por excesso de confiança, D. Duarte não parece ter peccado menos por fraqueza de vontade ou por condescendencia extrema. Ninguem melhor do que elle conhecia o verdadeiro estado do reino, e a grande necessidade de socego e de paz que havia, para elle se restaurar dos estragos de luctas dilatadas. Por que não recusou el-rei a empreza de Tanger aos infantes, antes nas cortes de Evora a louvou e propoz como indispensavel, suffocando as queixas e murmurações dos povos [2]?

Pela mesma causa que D. Henrique, com menos de seis mil lanças, se atreveu a facção que requeria mais de quatorze mil! Entendiam ambos que Deus lhes inspirára a conquista de Tanger, como ordenára a de Ceuta a seu pae, e imaginavam que se repetiria com elles o milagre que em um dia abríra as portas da cidade moira ao mestre de Aviz, sempre venturoso em todas as acções. Por isso se obstinavam, apesar da falta de dinheiro e das contradicções dos subditos, desprezando as admoestações do papa e o voto do infante D. Pedro.

A frota saíu a barra de Lisboa a 22 de agosto de 1436. Recenseando em Ceuta a gente que traziam, os infantes D. Henrique e D. Fernando viram com espanto que ella subia apenas a sete mil homens, prova da precipitação com que a tinham embarcado, e da pouca ordem e disciplina com que se organisou e regeu em tudo a expedição desde o começo.

A falta de um grande capitão, a falta de D. João I, principiára logo a sentir-se. Os esforços de D. Duarte, mesmo violentos como foram, não haviam conseguido apurar o numero de soldados necessario. A direcção de D. Henrique, mais apto para combater heroicamente do que para commandar como general, concorreu tambem para o mau resultado, prognosticado por todos os cavalleiros educados na eschola pratica do mestre de Aviz, os quaes tinham aprendido n'ella a não fiar grandes successos de puros acasos. O infante, talvez por demasiado valor, attendeu pouco ás ordens del-rei, não cumprindo o regimento de D. Duarte, que o auctor da *Historia Genealogica* nos conser-

1 Vid. Vasconcellos dos Reis. — Ruy de Pina. *Chronica del-rei D. Duarte*. — Vid. Nunes de Leão.

2 Ruy de Pina. *Chronica del-rei D. Duarte*, cap. XIV.

1 Ruy de Pina. *Chronica del-rei D. Duarte*, cap. XIV e XXII. — Duarte Nunes de Leão. *Chronica de D. Duarte*, cap. VII e VIII.

2 Ruy de Pina. *Chronica del-rei D. Duarte*, cap. XIV e XXII. — Duarte Nunes de Leão. *Chronica de D. Duarte*, cap. VII e VIII.

vou nas *Provas* da sua obra. Apartou-se de mais do mar, não estendeu a couraça como se lhe recommendava, das trincheiras até á praia, e foi causa por esta desobediencia dos moiros o cercarem inteiramente no seu campo, cortando-lhe os mantimentos, interceptando-lhe os soccorros, e forçando-o a capitular sem retirada.

Alguns capitães, antevendo a derrota, aconselharam que se mandassem os navios a pedir mais gente, e que se aguardassem os auxilios para tentar o cêrco da praça; mas os infantes responderam, que tão perigoso era dar tempo aos inimigos de se fortalecerem, como accommettel-os com pequenas forças; e, arrastados pelo mau destino que os chamava, D. Henrique marchou por terra com a maior parte das tropas, e D. Fernando veiu por mar investir Tanger, cujo cêrco ambos apertaram em 23 de setembro.

Tanger não era Ceuta. Avisados pela perda recente, ligaram-se os moiros para repellir os christãos com dez mil cavalleiros e até noventa mil homens de pé, guiados pelos scheiks das tribus e pelos scharifes de Fez, de Marrocos, de Tafilete e do Belez. Despejaram-se os aduares e as enxouvias das terras comarcãs para arrancar das mãos dos nazarenos preza tão rica, appellidando os cacizes e marabouts a guerra santa e a remissão dos peccados em beneficio dos que se armassem em defesa da lei do propheta. Rodeados de multidões barbaras e fanaticas, e combatidos dentro dos proprios arrayaes, defenderam-se os portuguezes com admiravel firmeza. A sêde foi, porém, o maior e mais cruel inimigo com que luctaram. Cada gota de agua, disputada á lança e á espada, custava-lhes torrentes de sangue [1].

Por fim, convertido o cêrco de Tanger em estreito assedio posto aos nossos, e coagidos os infantes da fome, da sêde e das miserias dos soldados, propozeram ao scharife de Fez que abrisse caminho ao embarque dos portuguezes. Este pediu Ceuta em premio, e um dos infantes em refens da restituição da cidade. Cresceu a ira em uns, mas redobrou o desalento nos outros com a condição. Entre a morte e o captiveiro imminente de todos, e a entrega de Ceuta, não podia hesitar-se por muito tempo. Offereceu-se generosamente o infante D. Fernando para ficar no meio dos infieis. D. Henrique voltou a Ceuta, aonde caiu gravemente enfermo de fadiga e de desgosto.

Chamado por D. Duarte ao reino, o infante, em vez de saltar em Lisboa, desembarcou em Sagres, no Algarve, tão magoado do revez, que não se atrevia a avistar-se com el-rei. N'este meio tempo, o soberano, compadecido da sorte do irmão retido em ferros pelos infieis, consultava as cortes em Leiria (1 de janeiro de 1438) sobre se devia ou não sustentar-se Ceuta, e o conde de Arrayolos e muitos com elle provaram com textos da Escriptura, que não devia guardar-se palavra aos barbaros, nem soltar-se o infante por tal preço [2].

D. Henrique, longe de ajudar a liberdade do irmão, mais a impediu do que a favoreceu, notando que D. Fernando se offerecêra já resignado a padecer pela fé, aventurando a vida para que a cidade se não restituisse, e que não mudára de tenção ou de desejo.

Duarte Nunes, apreciando este procedimento, observa, *que fôra de homem austero e pouco amoroso, quaes sabem ser* (accrescenta) *os que não teem filhos*, e conclue carregando as culpas da infeliz jornada e da resolução iniqua das cortes sobre D. Henrique, não sem motivo, asseverando que elle fôra o verdadeiro auctor da empreza, o que mettêra o irmão mais novo n'ella, e o que votára no fim o seu captiveiro perpetuo, tendo-se D. Fernando offerecido para o salvar e ao exercito [3]!

[1] Duarte Nunes. *Chronica del-rei D. Duarte*, cap. XVII e XIX. — Ruy de Pina. *Chronica de D. Duarte*, cap. XLII.

[2] Duarte Nunes. *Chronica del-rei D. Duarte*, cap. XVII e XIX. — Ruy de Pina. *Chronica de D. Duarte*, cap. XLII.

[3] Duarte Nunes de Leão. *Chronica del-rei D. Duarte*, cap. XVII e XIX.

Triste pagina, na verdade, é esta na vida gloriosa do infante, avivada ainda por outra, digna egualmente de censura, na tragedia que rematou os dias do infante D. Pedro nos campos da Alfarroubeira!

(Continúa) REBELLO DA SILVA.

A MUSICA

(Vid. pag. 77)

II

Sons musicaes — Notas de musica — Escala musical diatonica maior — Guido d'Arezzo e os nomes das notas — O diapasão normal — Como o diapasão tinha subido nos ultimos dois seculos — Providencias do governo francez a favor da larynge dos tenores — Intervallos musicaes — Accordes — Sustenidos e bemoes — Escala chromatica — Sons harmonicos — Melodia — Harmonia — Rhythmo — Contraponto — Regras de harmonia.

Os sons que compõem a musica são aquelles que o ouvido póde apreciar. Todos os sons affectam o ouvido; mas quando duram muito pouco tempo, como, por exemplo, um ruido, um estrondo, ou quando são resultado da mistura de varios outros sons discordantes, o ouvido não os póde apreciar, não póde julgar do seu grau de agudez ou de gravidade; não são, portanto, sons musicaes.

Os sons são resultado de vibrações dos corpos sonoros [1]; estas vibrações communicam-se ao ar; e são as ondulações do ar que, communicando-se ao ouvido, fazem vibrar o orgão auditivo, transmittindo-se as sensações pelo nervo acustico ao cerebro, onde se produz a impressão dos sons.

Os sons musicaes reproduzem-se por periodos de sete notas que formam a escala musical; estes sons tem entre si relações muito simples, que tem origem na nossa propria organisação.

A escala denominada *diatonica maior* é composta das seguintes notas:

Nomes portuguezes, francezes, etc.	do ou ut	re	mi	fa	sol	la	si	do ou ut
Nomes inglezes, allemães, etc.	C	D	E	F	G	A	B	C
Relações entre os numeros de vibrações	24	27	30	32	36	40	45	48
Intervallos entre cada duas notas consecutivas	tom	tom	meio tom	tom	tom	tom	meio tom	

A escala musical tambem tem o nome de *gamma*. Provém isto de que no seculo XI Guido d'Arezzo teve a idéa de representar as notas por pontos collocados sobre linhas parallelas figuradas por letras a começar pela letra *gamma* (γ) do alphabeto grego. Os nomes que nós usâmos para as seis primeiras notas da escala foram adoptados por Guido d'Arezzo em 1026 [2]; são as primeiras syllabas dos seguintes versos latinos de um hymno que se canta na egreja em dia de S. João.

Ut queant laxis
*Re*sonare fibris
*Mi*ra gestorum
*Fa*muli tuorum
*Sol*ve polluti
*La*bii reatum
Sancte Johannes

A palavra *si* só foi adoptada em 1684 por Lemaire.

A nota mais grave que um ouvido regular póde apreciar é a produzida por 32 vibrações por segundo; corresponde ao *do* mais grave do orgão de egreja. A nota mais aguda que o ouvido póde apreciar é a produzida por 72000 vibrações por segundo proximamente.

O diapasão normal actualmente adoptado nos nos-

[1] Vid. pag. 271 do vol. VIII.

[2] Segundo Fétis, Guido d'Arezzo não inventou nada do que se lhe attribue. Os versos citados apenas formam um exemplo por elle adoptado para facilitar a intonação. — Fétis, *Biographie universelle des musiciens*, 2.ª edição.

sos theatros dá o *la* correspondente á segunda corda da rebeca, ou ultimo *la* do tenor, e que corresponde a 870 vibrações por segundo.

Foi este diapasão regulamentarmente adoptado em França em 1859. Até esta epocha havia grande irregularidade nos tons dos instrumentos e das orchestras dos diversos theatros. Um seculo antes o diapasão achava-se mais baixo pelo menos um tom.

O augmento successivo do numero de vibrações dos diapasões, parece ter sido provocado pelos constructores de instrumentos de latão, que, para lhes augmentar a sonoridade, tinham successivamente elevado o tom. D'esta elevação progressiva do tom tinha resultado uma fadiga excessiva para os cantores, sobre tudo para os tenores, a ponto de ser em alguns theatros o diapasão tão elevado, que se tornava impossivel a muitos tenores cantarem certas operas.

Um decreto do imperador Napoleão III, motivado sobre consulta de uma commissão expressamente nomeada para esse fim, e composta das maiores notabilidades da musica e da sciencia, entre as quaes figuravam Mayerbeer, Rossini, Lissajous, etc., poz termo á anarchia musical, adoptando como typo invariavel o diapasão que faz 870 vibrações por segundo. Nos outros paizes, um grande numero de theatros adoptou o mesmo diapasão.

Adoptando o *la* de 870 vibrações por segundo, o *do* sustenido mais agudo do tenor corresponde a 1088 vibrações por segundo, e o *mi* mais grave da voz de baixo profundo corresponde a 326 vibrações no mesmo tempo.

O intervallo entre duas notas consecutivas da escala chama-se *segunda;* quando entre duas notas que se comparam existe uma, duas, tres, etc., os intervallos tem as denominações de *terceira*, *quarta*, *quinta*, etc. Assim, o intervallo de *do* a *re* é uma segunda; de *do* a *mi* é uma terceira; de *do* a *fa* é uma quarta.

Dois sons produzidos pela mesmo numero de vibrações chamam-se *unisonos;* se um é produzido pelo dobro de vibrações de outro, diz-se que estão em *oitava*.

A producção simultanea de varios sons chama-se *accorde*. Se as relações entre os numeros de vibrações d'estes sons são simples, o ouvido aprecia-as facilmente, e o effeito é agradavel; chama-se então *consonancia:* no caso contrario tem o nome de *dissonancia*. Chama-se *accorde perfeito maior* a reunião das notas *do*, *mi*, *sol*, a que se póde juntar o *do* em oitava superior. É o que produz mais agradavel effeito.

Diz-se que uma nota é *sustenido* quando se eleva de meio tom; e diz-se *bemol* quando baixa de meio tom: o que equivale a multiplicar o seu numero de vibrações por $\frac{25}{24}$ para o sustenido, e por $\frac{24}{25}$ para o bemol. O sustenido indica-se pelo signal ♯, e o bemol pelo signal ♭.

Servem os sustenidos e bemoes para poder começar a escala em qualquer nota, seguindo-se, porém, sempre os tons e meios tons na mesma ordem em que se seguem na escala começando por *do*. Tem isto a vantagem de se poder escrever a musica para um instrumento em um tom mais ou menos grave, sem ser preciso passar de umas oitavas para as outras, o que seria impossivel em instrumentos cujos limites são restrictos.

A nota pela qual começa uma escala chama-se *tonica*, e determina o tom. Em um mesmo canto musical podem-se tomar notas em diversas escalas; é o que se chama modular ou mudar de tom: mas acaba-se sempre pela nota pela qual se começa.

A escala em que as notas se succedem todas com intervallos de meios tons chama-se *chromatica*. A musica escripta n'este genero é monotona; por isso só se usa este estilo em passagens pouco extensas.

Chamam-se *harmonicos* os sons cujos numeros de vibrações estão entre si como os numeros 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, etc; taes são, por exemplo, tomando o *do* grave para som fundamental, as seguintes notas: a oitava seguinte (*do*), a oitava da quinta (*sol*), a segunda oitava do *do* (*do*), a dupla oitava da terceira (*mi*), a dupla oitava da quinta (*sol*), etc. Estes sons tem a propriedade de poderem produzir-se ao mesmo tempo que o som fundamental.

Chama-se *melodia* a succesão de notas ao gosto do compositor.

Chama-se *harmonia* a succesão de accordes.

Denomina-se *rhythmo* a quantidade e valor dos sons que compõem uma phrase musical.

A sciencia da harmonia tem o nome de *contraponto*, o que provém de que antigamente representavam-se os accordes por pontos collocados uns sobre outros.

A ordem dos sons e sua duração relativa é arbitraria, e fica dependente da imaginação do compositor; mas ha certas regras que o ouvido exige que sejam attendidas. Assim, é preciso sempre acabar pela tonica. A quinta tambem fórma um descanço, posto que menos perfeito que a tonica; chama-se *dominante*. A terceira fórma um repouso ainda menos perfeito, e chama-se *média*. A setima tem o nome de *nota sensivel*. Quando esta se produz convem logo produzir a tonica, aliás o ouvido fatiga-se muito, porque a relação entre os numeros de vibrações da setima e do som fundamental, sendo menos simples, o orgão auditivo experimenta a necessidade de se referir ao som fundamental.

(Continúa) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

FRAGMENTO

Não sei que funda tristeza
me opprimia o pensamento.
Pompeiava a natureza
d'abril as galas singelas.
Era no doce momento
em que matizam estrellas
o azulado firmamento.
Tudo era socego e encanto,
meiga paz, risonho amor,
em cada aragem um canto,
um perfume em cada flor.

Tinha nos braços meu filho,
e o meu loiro cherubim
mirava o candido brilho
das estrellas scintillantes,
flores do ethéreo jardim.
E no vago olhar da infancia,
azul como o azul do ceo,
não sei por que estranho acaso
o meu olhar se embebeu.
E assim lhes disse: «Olhos lindos,
que vêdes além no espaço?
vêdes os anjos, que á noite
embalam no seu regaço
teu espirito infantil,
e cujas azas nevadas
dão as auras perfumadas
ás noites do mez d'abril?

«Que vez, anjo, entre as estrellas?
Esse teu olhar tão puro
póde cruzar-se com ellas.
Se a face do Omnipotente
se revê na sua luz,
no teu olhar innocente,
filho, espelha-se Jesus.»

. . . .

M. PINHEIRO CHAGAS.